

A DESOLAÇÃO DO MUNDO

LEONARDO COIMBRA E MARTIN HEIDEGGER

ORLANDO VITORINO

ORGANIZAÇÃO, FIXAÇÃO DE TEXTO E NOTAS

**IVONE MOURA, MARIA HELENA MELIM
E JOÃO LUÍS FERREIRA**

NOTA DE ENQUADRAMENTO

JOÃO LUÍS FERREIRA

B BOOK
BUILDERS

Índice

<i>Nota de Enquadramento.</i>	9
<i>Siglas e abreviaturas usadas.</i>	13

TEXTOS SOBRE A DESOLAÇÃO DO MUNDO

1. A desolação do mundo.	17
2. As razões de Heidegger e Leonardo	95
3. Descrição da desolação até ao nihilismo técnico	149

Texto 1⁽¹⁾

A desolação do mundo⁽²⁾

1. Vivemos, felizes, a época da desolação do mundo. Quem primeiro empregou a expressão foi Leonardo Coimbra. Mais tarde, também Heidegger a veio a empregar e, depois, viu-se ela frequentemente repetida.

Por «desolação do mundo» entende-se a ausência de princípios, uma vez abandonados e esquecidos os que havia, e a transmutação de valores e sua ausência enquanto a transmutação perdura. Não se trata, porém, de uma ausência deixada pelo que se ausentou mas há-de voltar, trata-se de uma não-presença, portanto de um vazio ou, em expressão mais própria e recente, de um nihilismo.

⁽¹⁾ Trata-se de três blocos quadriculados “CASTELO”. No primeiro, Orlando Vitorino, escreveu: *Último – I*; no segundo, escreveu: *Último – II*; no terceiro escreveu: *Com material para os Blocos Último – I / Último – II*.

⁽²⁾ O título do texto é dos Fixadores.

A existência, contudo, persiste neste vazio, o que se deve, decerto, a que alguma coisa o preenche. O que o preenche, envolvendo e penetrando a existência, é a técnica, com seu império e seus triunfos, que nenhuma metafísica ensombra, e é o cálculo, que tudo operaliza, conformiza e totalitariza pois «a primeira regra do cálculo é tudo calcular»⁽³⁾.

Vivemos a época da desolação do mundo sujeitos ao império planetário da técnica e uniformizados em unidades totalitárias. E vivemos felizes porque não há princípios nem valores que nos inquietem, porque o totalitarismo nos assegura a igualdade sem lugar para singularidade, ambições e invejas, porque o império da técnica nos oferece os triunfos que nunca sonhámos poder a natureza prometer-nos.

Vivemos felizes e contentes uma existência boiando, ordenada e segura à superfície do vazio, toda ela um espectáculo em que só velhas aves agoirentas, remexendo o cadáver apodrecido e nauseabundo de metafísicas mortas, poderão ver o espectáculo da desolação numa tênue película sempre prestes a quebrar-se mergulhando no vazio sem fundo que cobre a existência que vai conseguindo resguardar.

2. Essas aves das mortas metafísicas andam, decerto, por aí cortando com seus pios sinistros o espectáculo

⁽³⁾ Martin Heidegger, «Science et Méditation», in *Essais et Conférences*. Éditions Gallimard, nrf, 1966, p. 65. (NdA)

do mundo. Mas nada alcançando contra o inabalável totalitarismo e a impassível técnica, seus agoiros são absorvidos no espectáculo onde, como aos antigos bobos nas cortes medievais, seus agoiros, denúncias e avisos se permitem e aplaudem por representarem, em irónico contraste com a euforia geral, medos lúgubres enterrados com as metafísicas.

É assim que são lidas, editadas em todas as línguas, transpostas para o cinema, difundidas pela cibernética, aplaudidas por todas as populações e até ensinadas nas escolas, descrições da desolação do mundo, em especial da existência em sociedades totalitárias controladas ou calculadas pela técnica, que os próprios autores, temerosos, se deram ao cuidado de apresentar como imaginárias utopias. E sendo elas universalmente aplaudidas, louvadas e admiradas, até exaltadas pelos menos acomodados e instalados na desolação, ninguém reconhece nelas a sua própria existência. Nem no império da técnica a que está sujeito no *Eumeswill*, de E. Jünger, ou no *Admirável Mundo Novo*, de A. Huxley. Nem no «Big Brother is watching you», «imaginado» por G. Orwell, o *führer* do fundamentalismo democrático que, em figura própria ou por interpostas figuras, a todo o momento tem perante si.

Ninguém aí se reconhece porque se trata de utopias. E pode-se, em boa consciência, aplaudir a comicidade desses intermezzos sanguinolentos e melodramáticos do grande espectáculo do mundo porque a utopia é coisa imaginada, por definição sem lugar no mundo, e as imaginações não são para pensar, não quebram

a regra de ouro da desolação do mundo, que é «não pensar»⁽⁴⁾.

3. Há, porém, quem persista em pensar. E quem faça, da desolação do mundo, descrições que se não escondem na linguagem da utopia perante as quais se corre o risco de pensar.

Aqui está uma dessas descrições⁽⁵⁾.

I

Que quer dizer «além da metafísica»? O pensamento, voltado para a história do ser, utiliza este título como um expediente, para se tornar um pouco inteligível. Na verdade, este título dá lugar a muitos malentendidos: porque interdita à nossa experiência o acesso ao fundo só a partir do qual a história do ser faz aparecer a sua essência. Esta essência é a eclosão-e-revelação-do-ser-próprio (Nota: Ereignis) na qual o próprio ser é aceite-e-aprofundado. (Nota: O verbo aqui traduzido por « aceite-e-aprofundado » quer dizer no original alemão, e segundo o mesmo Heidegger, « fazer sua uma coisa penetrando mais profundamente nela e

⁽⁴⁾ O autor acrescentou, no fim desta frase (Nota: a biogenética – artigo da revista americana). Não nos foi possível encontrar o referido artigo. (NdF)

⁽⁵⁾ O autor inicia aqui a tradução de «Dépassement de la Métaphysique», tradução feita a partir da versão francesa traduzida por André Preau inserto em *Essais et Conférences* de Martin Heidegger, Éditions Gallimard, nrf, 1966, pp. 80-84. (NdF)

transportando-a a um nível superior». Heidegger, mais tarde, precisará melhor o seu pensamento: trata-se de ultrapassar o nihilismo segregando o modo metafísico de representação, não para abandonar a metafísica, mas, ao contrário, para poder aceitá-la, quer dizer, para libertar o seu ser, deixar que a verdade regresse a nós, para salvar a metafísica no seu ser, remontar ao lugar onde ela teve origem.)

O ir-além de que falamos não deve, sobretudo, fazer supor que uma disciplina é expulsa para fora do horizonte da «cultura» filosófica. A metafísica já aqui é pensada como dispensação da verdade do ente, quer dizer, da entificação entendida como o que, embora ainda oculte o retirado, não é menos uma apropriação por excelência, a apropriação do esquecimento do ser.

Quando se concebe o ir-além da metafísica como facto da filosofia, seria melhor dizer: «a metafísica, coisa do passado», título que, é preciso reconhecer, incita a novas desinteligências.(...) Quando a metafísica passa é passado. Que ela seja passado não significa aqui que ela seja excluída, mas antes implica que, pelo contrário, só nos nossos dias ela alcançou a dominação absoluta, no seio do próprio ente e enquanto ela mesma entificação, sob a forma da desnuda verdade do real e dos objectos. Contudo olhada do ponto de vista da sua surreição ou primeiro começo, a metafísica é passado no sentido de que ela entrou no tempo em que passa e vai ter fim. Este tempo dura mais do que a história até hoje percorrida, realizada pela metafísica.

1.^a advertência ao leitor português:

O presente texto é traduzido da tradução francesa do texto alemão original: a de André Préau, incluído no volume *Essais et Conférences*, prefaciado por Jean Beaufret, o mais autorizado heideggeriano francês, autor de um *Diálogo com Heidegger* em quatro volumes. Os *Essais et Conférences* foram reunidos e publicados por Heidegger, em alemão, no ano de 1952. A tradução francesa é publicada em 1958. O ensaio «Além da Metafísica» é composto de 28 notas sem expressa articulação entre si. Foram essas notas escritas entre 1935 e 1952, isto é, durante uma época que abrange três períodos: o da preparação da guerra mundial, o da guerra mundial e o que estabelece o estado do mundo posterior à guerra mundial. Estes três períodos correspondem aos três momentos decisivos do movimento do pensamento de Heidegger: no primeiro, Heidegger situa-se além do percurso marcado pela publicação de *Ser e Tempo* em 1927 e pelo fracasso e consequente decepção da sua tentativa, em 1930, de preencher o então vazio doutrinário do nazismo; no segundo, Heidegger assiste à catástrofe bélica, sobre a qual não escreveu uma palavra, no silêncio e isolamento que o levam a conhecer o pensamento como meditação (deste período são as primeiras notas de *Essais et Conférences*); no terceiro, o pensamento de Heidegger exprime-se – no prolongamento revolucionário do *Ser e Tempo* – como meditação, prioritariamente, do tempo, não do ser (chega a entender o pensamento como uma

topologia de lugares no tempo), e do mundo que tem perante si interpretando-o como obra da metafísica, como «o império planetário da técnica» e o nihilismo cuja instauração a metafísica trazia consigo desde a sua origem, há mais de dois milénios.

2.^a advertência ao leitor português:

O mais sério pensamento francês – e também o menos sério (existencialismo sartriano, culturalismo em geral, estruturalismo em especial) – é hoje constituído pelas traduções, comentários, prolongamentos e tentativas de prolongamento de M. Heidegger.

A linguagem em que, dentro da língua alemã, Heidegger se exprime, é uma linguagem difícil. Mais difícil ainda porque Heidegger situa na palavra a garantia do pensamento, quer dizer, da realidade do pensamento. A dificuldade acresce-se do privilégio de língua do pensamento que Heidegger atribui ao antigo grego e que só a língua alemã pode, entre as modernas, traduzir, pois o latim (e portanto as línguas dele derivadas) é impensável pelos desvios que a filosofia imprimiu ao pensamento. Os heideggerianos franceses, perfilhando estas concepções até ao ponto de utilizarem as expressões alemãs, têm, no entanto, procurado estabelecer, sempre que possível, correspondências francesas dos termos mais característicos de Heidegger. Tais correspondências foram, em muitos casos, analisadas, noutros corrigidas ou recusadas pelo

próprio Heidegger, como aconteceu à tradução de *Dasein* por *Être-lá* que Sartre «popularizou».

As correspondências em francês são naturalmente transponíveis para português, dada a mesma origem latina das duas línguas, e essa transposição é tanto mais justificável quanto é certo não existir entre nós, e no Brasil, nada que, nem de muito longe, equivalha ao trabalho realizado pelos pensadores franceses. Sem esse trabalho, a tradução directa do alemão para o português resultará inadequada, do que é prova o único texto completo de Heidegger publicado em português, a *Carta sobre o Humanismo*.

Por outro lado, o pensamento de Heidegger encontrou em França uma repercussão, pujança inspiradora e comentário minucioso que não encontrou na própria Alemanha. O último chefe de fila da Escola de Frankfurt não hesita em reconhecer que a Alemanha «re-importou Heidegger de França».

3.^a advertência:

As noções que os franceses traduzem pour *être* e *étant*, e a respectiva distorção, são essenciais e constantes no pensamento de Heidegger. Se seguirmos a tradução vocabular directa, diríamos em português, *ser* e *sendo*. Entendemos, porém, que o que Heidegger diz, em francês, por *étant* ou *sendo*, o podemos dizer, com fidelidade ao latim, por *ente*. A palavra *sendo* é o particípio presente do verbo *ser* e a palavra *ente* deriva